

História de outro macaco



Quem disse que uma garota de dez anos nada tem a ver com um macaco barbudo e de rabo comprido? De um lado, a Soraia, entrando na loja do barbeiro – «Anda, faz-me a barba! Quero ficar com a cara muito mais lisa e arejada.»

Do outro lado, o Promise, que era o barbeiro da rua, havia já muito tempo – «Ai faço, faço!» E já estava.

Agora, o preço – «São cinquenta e nove bananas, bem maduras!»

«Cinquenta e nove bananas?... Não pago!»

Gritou um. Gritou o outro. E... Zás! Um golpe da navalha de barbear e lá se foi o rabo.

«Grande malandro!... Ah, mas não fazes outra, levo-te a navalha!»

E o macaco saiu da loja a gritar – «Do rabo fiz navalha!»

Mas para que queria ele a navalha do barbeiro? Não lhe dava jeito para nada!

Entrou no armazém do Gabriel. Pevides, tremoços, grão e feijão. Sacos de farinha e muitas lembranças trazidas do Brasil.

O macaco – «Quero desfazer-me desta navalha... O que é que me dás em troca?»

O Gabriel – «Um saco de farinha!»

A Soraia, ou seja, o macaco, aceitou e saiu repetindo – «Do rabo fiz navalha, e da navalha fiz farinha.»

Mas o saco era pesado. Muito pesado. E para que queria ele a farinha? «Não tenho água nem fermento para amassar um pão... Não tenho forno para o cozer!»

Voltou atrás e entrou na peixaria que também era do Gabriel e ficava ao lado do armazém dos secos – «Trocas-me a farinha por peixe?»

«Toma lá duas sardinhas...»

E o macaco, ou seja, a Soraia, a cantarolar – «Do rabo fiz navalha, da navalha fiz farinha, e da farinha, sardinhas!...»

Mas agora, era preciso lume para assar as sardinhas. Passou pela escola. Talvez encontrasse umas brasas.

A professora – «Brasas?...»

Não, não havia.

O macaco – «Então, sem brasas, para que quero eu as sardinhas?! Ó senhora professora, troque-mas lá!...»

E a professora – «Troco, pois! Leva lá duas meninas.»

O macaco – «Do rabo fiz navalha, da navalha fiz farinha. Da farinha, sardinhas. E das sardinhas fiz meninas!...»

Ai, mas as meninas eram umas chatas!

A Joana andava sempre a comer-lhe as bananas. E a Letícia falava-lhe num português com um sotaque tão estranho que ele nem a entendia.

«Tenho de me livrar delas!»

Nisto, uma banda de música pela rua abaixo... Toda a gente a vê-la passar, a ouvir-lhe uma cantiga do Chico Buarque.

O mestre da música – «Pedi-me este macaco para trocar duas meninas por uma viola. Troco, sim senhor!»

E o macaco muito, muito feliz – «Do rabo fiz navalha, da navalha fiz farinha. Da farinha fiz sardinhas, das sardinhas fiz meninas. E das meninas fiz viola. Ferrumfunfum que vou para Angola!»

Para Angola?

O Gabriel – «Para Caxias do Sul, nas montanhas do estado do Rio Grande. É no Brasil e fica longe do mar...»
Muito longe.

Filomena Marona Beja com Gabriel, Joana, Letícia, Promise e Soraia na Escola n.º 10 do Castelo.
Ilustração de Pierre Pratt.